

A ideia de processo no conceito de criouliização: primeiras hipóteses

Prof. Ms. Alcione Corrêa Alves (UFPI)

O conceito de criouliização, na formulação proposta por Édouard Glissant em *Introduction à une poétique du Divers* (1996), tem oferecido uma base teórica frutífera a pesquisadores dedicados a compreender “os fluxos conjuntivos e disjuntivos das transferências culturais e seus resultados: novas formas e práticas culturais fractais entre fronteiras permeáveis” (WALTER, 2008). Uma fortuna crítica sobre as apropriações do conceito, ainda a ser empreendida em etapas futuras de pesquisa, permitiria perceber que trabalhos acadêmicos recentes de pesquisadores brasileiros optam amiúde por traduzir o conceito glissantiano de *Étant* por Sendo, com vistas a compreender o caráter processual inerente ao conceito de criouliização.

Contudo, Roland Walter (2008) constroi sua apropriação de Glissant não em termos de Ser/Sendo, mas de *being/becoming*, ao passo que Maria Bernadette Velloso Porto (2008), em artigo sobre a obra de Ernest Pépin, opta pelo termo Devir. Ambos os casos, a princípio, parecem representar um ganho de análise em relação a outros trabalhos paradigmáticos da comunidade acadêmica brasileira em torno do tema. A presente comunicação pretende, portanto, investigar em que medida o termo Devir, bem como possíveis correlatos em português brasileiro, se mostra uma tradução – e consequente apropriação – mais adequada a *Étant* quando comparada a Sendo. Propõe-se o uso de Devir haja vista a oposição em inglês *being/becoming*, bem como a presença do termo em questão, seja como verbo ou substantivo, em alguns dos autores basilares às formulações de Glissant (tais como Gilles Deleuze e Jacques Derrida), assim como em suas respectivas traduções em português brasileiro.

O debate acerca do termo *Étant* incidirá, neste momento introdutório ao tema, sobre a análise da tradução brasileira da obra de Glissant, intitulada *Introdução a uma poética da diversidade*, publicada em 2005 pela editora da UFJF e elaborada pela professora Enilce Albergaria Rocha, lotada na mesma instituição. Como etapas posteriores de desenvolvimento deste trabalho, caberá indagar a hipótese norteadora de uma insuficiência no caráter gerundivo do verbo ser ao compreender a complexidade do processo enquanto um dos elementos centrais ao conceito de criouliização; ademais, caberá investigar as consequências do uso de Sendo em interpretações construídas pela comunidade científica brasileira com base no pensamento de Glissant, em suas análises da literatura antilhana de língua francesa, bem como explicitar os conceitos de *comunidade científica* e *paradigma* (KUHN, xxxx) a fim de aprimorar o domínio do que ora se entende por “comunidade científica brasileira em torno dos estudos literários interamericanos” e estabelecer, destarte, um problema epistemológico relevante.

A presente comunicação incide, portanto, sobre aspectos concernentes ao conceito glissantiano de criouliização, partilhado por pesquisadores de literaturas afroamericanas, no âmbito dos quais é situado em um grande grupo de conceitos considerados afins tais como a transculturalidade, o hibridismo, o entre-lugar, o entre-dois. Pois, a partir da tradução de Rocha, a difusão da obra de Glissant no Brasil adquiriu feições exponenciais em trabalhos acadêmicos que se baseiam, citam, dela se apropriam; tal tradução, portanto, se mostra assaz oportuna ao tornar acessível ao público brasileiro o pensamento de um dos filósofos contemporâneos mais importantes da América Latina, sobretudo (no que tange às relações literárias interamericanas) graças a um conceito de criouliização que permite pensar culturalmente as Américas a partir de modelos próprios, visando a uma alternativa à compreensão das culturas americanas conforme moldes europeus.

Há um elemento fundamental no conceito de criouliização que, conforme a tradução de Rocha, reside na passagem do *Ser* ao *Sendo*. A referida passagem consiste em um instrumento teórico que, sobretudo após a publicação da tradução ora citada, permite aos pesquisadores da obra de Glissant questionar a centralidade de um paradigma essencialista de cultura. O essencialismo, representado em Glissant pelo Uno, diz respeito à tradição metafísica ocidental (europeia) desde os pré-socráticos a Nietzsche. Em lugar de pensar a cultura americana por tal senda, procura-se, a partir de Glissant, pensá-la mediante seu caráter *diverso*, de cruzamento, entrelaçamento das múltiplas heranças culturais possíveis às Américas para, a partir dessa diversidade, percebermo-nos como *americanos*, não como europeus. A passagem do Ser ao Sendo representaria, nesse sentido, um elemento central à criouliização.

Entretanto, o termo Sendo, enquanto tradução a *Étant*, não garante necessariamente o elemento da diversidade. No momento em que se toma o texto mesmo de Glissant, de 1996, percebe-se ao menos duas vertentes ao conceito de criouliização, no Brasil. De um lado, pode-se situar trabalhos acadêmicos elaborados entre 1996 e 2004 que, utilizando o conceito de criouliização conforme Glissant, propõem a tradução da passagem de *Être* a *Étant* como a passagem do Ser, maiúsculo, metafísico, ao Sendo. Tal tradução, partilhada por grande parte da comunidade científica brasileira em torno dos estudos literários americanos acaba, por conseguinte, partilhada e acolhida por Rocha no momento em que, em sua tradução de Glissant, opta também por Sendo, desde o prefácio e ao longo de todo o texto. Atentando para o esquema proposto no texto glissantiano a partir de Ser e Sendo, eis na primeira coluna o Uno e na segunda, a Diversidade; na primeira coluna o fixo e na segunda, o móvel. Eis, na primeira coluna, o comprometimento com uma tradição metafísica europeia (a se recusar) e na segunda, o caminho teórico a seguir, paradigmaticamente. *O Sendo é o que queremos ser.*

Detendo-se em todas as ambiguidades oferecidas pela cópula nesta pequena frase anterior, grifada em itálico, percebe-se a gravidade do problema terminológico, agravado

ao se constatar que, em artigo no número 8 da Revista da ABRALIC, Roland Walter (2008), lendo Glissant em inglês, opera em termos de *being* e *becoming*. No mesmo ano, em artigo do número 17 da Revista Brasileira do Caribe, Maria Bernadete Velloso Porto (2008) analisando a obra de Ernest Pépin, opera em termos de *Ser* e *Devir*. Um leitor de Heidegger talvez situasse *Ser* (*Zein*), de um lado, e *Vir-a-ser* (*Dasein*) de outro; nesses termos, um binômio *Ser/Devir* garantiria a centralidade do caráter processual de modo mais adequado. Ou, dito de outro modo, *compreender-se-ia* de maneira mais adequada. Eis reiterada, portanto, a hipótese norteadora desse trabalho: mostrar, na tradução de *Étant* por *Sendo*, uma insuficiência da ideia central de processo e, em segundo lugar, mostrar que tanto Walter quanto Porto, com suas respectivas traduções aos mesmos termos, elaboram interpretações do conceito glissantiano que salvaguardam dois elementos fundamentais à criouliização, o caráter processual e a provisoriedade.

Uma vez que a criouliização precisa necessariamente de, no mínimo, dois elementos, o caráter processual e, em segundo lugar, o caráter provisório ou *desviante*. Sendo peca, simultaneamente, por insuficiência de processo e por insuficiência de provisoriedade. Esboçando a um esquema do pensamento glissantiano sob tais condições, nas quais há de um lado *Ser* e de outro, *Sendo*, incorre-se ao fim e ao cabo em uma forma de *pensamento de sistema*. Didaticamente, pode-se afirmar que, na condição de representante de uma corrente filosófica europeia, o pensamento de sistema tem seu produto talvez mais acabado e mais paradigmático em Hegel, implicando uma pretensão a explicar o mundo em sua totalidade. Em uma perspectiva outra, situa-se o *pensamento de traço*, fundamentada no traço apropriado por um Glissant leitor de Jacques Derrida. Situando esquematicamente de um lado, o pensamento de sistema e de outro, o pensamento de traço, tem-se, portanto, Europa de um lado e América de outro. Oposto ao ocidente, estaria o arquipélago que, em Chamoiseau, é o *pays-Martinique* (CHAMOISEAU, 1997). De um lado o Mesmo e de outro, a Diversidade; de um lado, a força centrípeta e de outro, a força centrífuga. A criouliização é um conceito extremamente centrífugo, uma vez que oferece lugar à diversidade, à troca e a identidades novas nas quais todas as matrizes culturais fazem parte mas que, ao mesmo tempo, já não interessa discriminar a natureza de cada traço. Em contrapartida, em um pensamento centrípeto, o mundo gira em torno do Um, tornando-se completamente idêntico a si. Em Hegel, o jogo das consciências é, em última instância, centrípeto porque reduz toda a diversidade do mundo a si¹.

Qual a vantagem de termos como *Devir* ou *Vir-a-ser*? Em Walter, o *vir-a-ser* (*becoming*)

¹ O conceito de exotismo consistiria, portanto, em um conceito centrípeto, pois liquefaz a diversidade ao torná-la um aspecto exótico, peculiar do Mesmo. Um problema análogo permanece residual no cerne da noção de *littérature-monde*, conceito que se reivindicaria centrípeto mas, caso levado às últimas consequências, tomaria a diversidade das literaturas de língua francesa fazendo com que sejam compreendidas, ao fim e ao cabo, enquanto modos peculiares de uma literatura francesa digna de sua condição universal.

permite o que denomina "fluxos conjuntivos e disjuntivos" (2008), garantindo a imagem fecunda da encruzilhada como lugar da passagem ou da eventual permanência no qual se dão as trocas. Outrossim, garante as comparações possíveis tanto por semelhança quanto por diferença, as trocas possíveis tanto por falta quanto por excesso. Uma tradução de *Étant* por Vir-a-ser permite o processo enquanto primeiro elemento fundamental à criouliização.

Por seu turno, a tradução de Porto, ao propor *Étant* por Devir (palavra a qual, em português brasileiro, talvez não disponha de similar), garante o caráter de provisoriedade, segundo elemento necessário à criouliização. Para cumprir a mesma função, uma opção por Sendo aposta no gerúndio, mas o referido termo acarreta a desvantagem de assinalar uma condição temporária *rumo ao Ser*. Como um *download*: no percurso do Sendo ao Ser, *loading...* O *download* não é algo provisório, disjuntivo, heterogêneo, mas algo que mostra, gradativamente, o resultado final, já conhecido ou esperado. Sendo, em consideração às possibilidades do gerúndio em português brasileiro, mostrar-se-ia uma espécie de *download* do Ser. Parece um processo rumo a algo diverso, mas consiste em uma operação visando a um *resultado*, dado que corresponde à crítica possível dos partidários de hibridismo ao conceito de mestiçagem (BERND, 1998; 2004) ou, mais radicalmente, a uma crítica ao próprio hibridismo, em seus aspectos afins à mestiçagem (OUELLET, xxxx), tomando-o como um conceito que, talvez a contrapelo, *prevê um resultado*, ainda que provisório.

Sendo, nesse sentido, traz dois problemas. Primeiramente, ainda que evidentemente o uso do termo vise a investigar a diversidade das obras literárias americanas, permanece o problema de uma "incompletude do Ser" que, em algum momento, resultará no Ser. Em outras palavras: Sendo conduz, a contrapelo, a um pensamento de sistema, o que permitiria concluir paradoxalmente por um Glissant deveras *hegeliano*, conclusão que, provavelmente, parte significativa da comunidade científica em torno do tema não estaria disposta a aceitar. O movimento argumentativo deste hipotético "Glissant hegeliano" consistiria em pensar a diversidade caribenha e, por extensão, americana (GLISSANT, 2005, p. xx) mediante uma tríade Ser-Sendo-Ser: tese, antítese e síntese. Do ponto de vista de uma história da literatura antilhana literatura, a referida tríade permitiria perceber um movimento desde a literatura doudouísta enquanto *tese*, o manifesto *Légitime défense* e seu desdobramento na Negritude de Césaire enquanto *antítese* e o quadro atual, da Crioulidade (CHAMOISEAU; CONFIAINT, BERNABÉ, 1989) ao *parler-monde* (FONKOUA, 2007) como uma *síntese*. Eis a dialética hegeliana impondo uma circularidade na qual toda a radicalidade teórica glissantiana é remetida, exatamente, ao ponto de partida, com o agravante de um tributo hegeliano, paradigmático de um pensamento de sistema contra o qual o pensamento arquipélico se insurge de forma veemente. No momento em que Frantz Fanon lê Hegel, sentencia o quanto a dialética senhor-escravo se mostra inadequada para pensar a cultura americana porquanto a consciência reflexiva, desde Hegel, e perfazendo um caminho do qual o *Orphée noir* se

mostra assaz tributário, pressupõe a isonomia das consciências. Para Fanon, contudo, uma assimilação do argumento hegeliano na Martinica acarreta um problema pois o escravo negro, o homem escravizado negro *não é um igual* (FANON, *apud* SAID, 1993, p. 266-267), não há espaço a uma transracionalidade; em Hegel, o jogo de consciência só se dá entre iguais. E o negro, diaspórico, não está nas Américas para discutir o conceito, para participar do jogo dialético, mas para plantar e moer cana.

Pelas razões introdutoriamente apresentadas nesta primeira abordagem do tema, propõe-se que a tradução de *Étant* por *Sendo*, verificada na edição brasileira de *Introdução a uma poética da Diversidade*, caso reduzida *ab absurdo*, conduzir-nos-ia a um Glissant mais hegeliano do que imaginamos. E, segunda consequência, admitindo que o uso do gerúndio implica, em português brasileiro, um processo com resultados previsíveis, ensinar-se-ia um problema epistemológico complementar à medida que, em uma investigação científica acerca das literaturas americanas, se instala perigosamente um germe positivista, no qual o trabalho científico consistiria em construir a interpretação para justificar o resultado previsível. É possível supor, seguramente, que a totalidade de comunidade científica que se debruça sobre o tema das relações literárias interamericanas não estaria disposta a aceitar eventuais conclusões tributárias de um hegelianismo, tampouco adotar um paradigma positivista de pesquisa, uma vez que ambos os tributos supracitados, a Hegel e ao positivismo, representariam uma contradição capaz de aniquilar a diversidade nas culturas americanas, incidindo em um objeto de estudo dinâmico, diverso, em fluxo permanente de riqueza e complexidade, mas para o qual os conceitos e categorias de análise ainda restariam extremamente fixos. E, segundo problema, um objeto extremamente rico, diverso, em constante transformação e troca mas ante o qual sempre saberíamos o resultado, o que reduziria o trabalho acadêmico a uma narrativa na qual se constrói um discurso de justificativa ao resultado já conhecido. A esta ciência, restaria apenas estudos de caso, a fim de verificar como se dão as sínteses. Portanto, para concluir, justifica-se a relevância do problema de tradução do termo *Étant*, em *Introdução a uma poética da Diversidade*, a ser retomado e prolongado em etapas posteriores de pesquisa, porque um rizoma não consiste, de maneira alguma, em uma antítese hegeliana à raiz, logo, não podendo ser pensado como uma raiz provisória, como um Ser provisório.

Referências:

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da Diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora : UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Introduction à une poétique du divers**. Paris : Gallimard, 1996.

GLISSANT, Édouard. O mesmo e o diverso. In: BERND, Zilá (org). **Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/glissant/index.htm>>. Acesso em: 10 dez 2010.

FONKOUA, Romuald. Une nouvelle génération aux Caraïbes. Ruptures et continuités.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

Cultures Sud, Paris, nº166, p.77-99, jul-set 2007.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

WALTER, Roland. Mobilidade cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. **Interfaces Brasil/Canadá**: Revista da ABECAN, nº8, p.37-56, 2008.